

Um webdocumentário em áudio sobre a presença da mulher no radiojornalismo esportivo – Do drible à vitória: no rádio ela faz história¹

Letícia DEMORI²
Kérley WINQUES³
Faculdade Ielusc, Joinville, SC

RESUMO

O *webdocumentário* em áudio “Do drible à vitória: no rádio ela faz história” foi produzido para a disciplina de Projeto Experimental do curso de Jornalismo da Faculdade Ielusc, de Joinville, Santa Catarina. O produto, que está hospedado em uma plataforma multimídia e tem elementos secundários como texto e imagem. Possui o objetivo de contar a história de jornalistas que atuam, ou já atuaram no radiojornalismo esportivo nacional, destacando como foi o início de suas carreiras, momentos marcantes e dificuldades que enfrentam para se manter nesse meio e editoria que ainda é dominada pelo sexo masculino.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; esporte; mulheres; webdocumentário; audiovisual.

INTRODUÇÃO

Quando assistimos aos programas de esporte, ouvimos jornadas no rádio ou lemos colunas que falam sobre o tema, percebemos que a presença masculina ainda é muito maior, principalmente quando o assunto é futebol.

Segundo os dados de 2014 da Federação Nacional de Jornalismo (FENAJ), 64% das jornalistas são mulheres. Número que não é representado quando focamos na editoria de esportes. Um exemplo disso é o levantamento feito pelo site Gênero e Número, que mostra que apenas três mulheres escrevem para colunas esportivas de

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Ielusc, e-mail: demorileticia@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Faculdade Ielusc, e-mail: kerley.winqes@ielusc.br

jornais impressos e digitais, enquanto o número de homens é de 37. Essa análise foi feita nos jornais líderes do ranking da Associação Nacional de Jornais (ANJ).

Se nos limitaremos a falar da presença da jornalista em programas esportivos de rádio, não precisamos ir muito longe para perceber que esse espaço é ainda mais limitado que nos outros meios. Em Joinville, por exemplo, apenas uma mulher faz transmissão esportiva. Viviane Cavalieri é jornalista da Rádio Clube e atua como plantonista nas jornadas esportivas da emissora. Já a 89 FM, rádio líder em audiência da cidade, é outro exemplo. A emissora possui uma equipe esportiva local formada por cinco homens. A única mulher da rádio é apresentadora de um programa de entretenimento.

Após 1972, quando nasceu a *Rádio Mulher*, formada por Claudette Troiano, Zuleica Ranieri, Leilah Silveira, Jurema Yara e Germana Garilli, foram poucas as oportunidades que a mulher teve para exercer todas as funções de uma transmissão esportiva. Na rádio, que durou oito anos, elas se revezavam para narrar, comentar e fazer reportagens de campo.

Dessas poucas oportunidades, três foram dadas pela *Rádio Globo* com o programa “Grama na Calcinha” (2013) e “Garota da Voz” (2014), ambos comandados por homens tendo a mulher como voz secundária. O terceiro é o programa *Convocadas*, que começou ser transmitido em 2017, todas as terças-feiras durante uma hora. Atualmente ele é formado por Fernanda Gentil, Vanessa Riche, Camila Carelli e Ana Thaís Matos. Mas quando começou também tinha na sua equipe a ex-jornalista da Rádio CBN Mayra Siqueira.

Motivada em querer entender qual o espaço que a mulher ocupa no jornalismo esportivo, principalmente aquele que é produzido no rádio, juntamente com o desafio de produzir um produto experimental para a disciplina da faculdade, surgiu o *webdocumentário* em áudio “Do drible à vitória: no rádio ela faz história”.⁴

O trabalho tem o objetivo principal de abordar jornalisticamente como foi a inserção da mulher no radiojornalismo esportivo. Usa uma forma inovadora, como os elementos multimídia, mas não perde a essência do rádio, que é apenas escutar a voz de quem o faz. Além disso, também oferece mais visibilidade para essas mulheres, tentando fazer uma reflexão sobre quais funções elas ocupam hoje, quais lacunas ainda

⁴ Site: www.dodribleavitoria.com

faltam ser preenchidas e problematizar as dificuldades que as jornalistas enfrentam para conseguir trabalhar com respeito e igualdade.

A MULHER NA SOCIEDADE

Desde o início existe desigualdade entre os homens e mulheres. Se tratando de esporte, a balança nunca ficou equilibrada. O sexo frágil que nasceu para cuidar da família e da casa foi aos poucos conquistando seus direitos na sociedade. Além disso, cada vez mais elas vêm sendo valorizada no meio profissional e não é diferente no jornalismo.

Cansadas de não terem os mesmos direitos que os homens, as mulheres correram atrás e buscaram se fazer presente na sociedade. Buscaram o direito de fazer escolhas, de votar, de ser reconhecida como profissional e de entrar em um mundo que antes era totalmente dominado por homens.

Mãe, mulher, dona de casa, essas eram as limitadas opções profissionais para as mulheres até o século XIX. Dominadas financeiramente e socialmente pelos homens elas enfrentavam vários obstáculos na tentativa de alcançar a igualdade. Sem acesso à educação, política, economia ou esporte, tinham suas vidas restritas às quatro paredes do lar, representando apenas papéis na sociedade, para conservar a ordem social. (RIGHI, 2011, p. 25)

No início da trajetória na imprensa, o espaço reservado para elas se limitava a textos relacionados ao lar, família e filhos. Moda e beleza entraram depois, nas revistas femininas, e foi essa sua cobertura nas redações durante algum tempo. Na década de 70 as mulheres começaram a se inserir na mídia esportiva, mas só em 1990 o número delas nessa editoria se tornou significativo.

Mesmo ganhando espaço, o jornalismo esportivo ainda é dominado pelos homens. As mulheres, no início, falavam de assuntos dentro do esporte em que eles não falavam, por exemplo, modalidades amadoras. O futebol e o automobilismo sempre foi uma área restrita, pois se julgava que elas não entendiam desses assuntos e não tinham a linguagem adequada para lidar com o público que prestigiava esses esportes.

A MULHER, O RÁDIO E O FUTEBOL

O esporte sempre foi considerado um espaço para os homens, tanto em sua prática, como em sua cobertura. Na década de 20, com a chegada do rádio e a popularização do futebol, essa editoria do jornalismo era totalmente dominada pelo sexo masculino.

Segundo Provenzano (2009) desde o final da Segunda Guerra Mundial, as mulheres passaram a ocupar espaços na sociedade que até então era exclusivamente preenchidos por homens. Nota-se hoje uma participação maior delas na cobertura jornalística esportiva de jornais impressos, meios digitais e também na televisão, mas no rádio seu espaço ainda é pequeno, sobretudo nas funções que usam o microfone.

Podemos dizer que o rádio e o esporte ajudaram no crescimento e na popularização um do outro. Ramos (2016) afirma que mesmo o rádio se destacando em uma época de grandes movimentos políticos, foi o radiojornalismo esportivo, em 1930, um dos gêneros pioneiros a se firmar.

A primeira jornada esportiva radiofônica, com transmissão de um jogo de futebol, foi em 1931, pela Rádio Educadora Paulista, logo nos primeiros anos de implantação do meio no país. A narração precursora esteve a cargo de Nicolau Tuma, celebrizado pelo pioneirismo e por construir referência como narrador. (MATTOS, 2017, p. 2)

Nesta década algumas mulheres já estavam conseguindo espaço e ocupando os microfones das rádios das cidades, porém apenas em radionovelas e programas que eram considerados de interesse do público feminino, com assunto como beleza, filhos, lar e culinária.

Antes de começar a falar para o ouvinte em programas educativos e de entretenimento, a mulher assumia apenas funções de produção ou outro trabalho “nas escuras”, pois uma informação na voz feminina não tinha credibilidade.

Quando a mulher passou a fazer parte das equipes de rádio, suas funções eram restritas à “cozinha” do rádio, como são chamados os espaços e funções do jornalismo que, no caso radiofônico, são as que não vão ao microfone. Coincidentemente, este ditado levou para o rádio o ditado popular preconceituoso de que, lugar de mulher é na cozinha. (ZUCULOTO; MATTOS, 2017, p.8)

Começamos a perceber aqui que o rádio foi o meio que mais demorou para inserir as mulheres, já que nos anos 40, o jornal impresso *Gazeta Esportiva* já tinha a primeira mulher trabalhando com cobertura esportiva, Maria Helena Rangel.

Foi apenas em 1972 que a história da mulher no radiojornalismo esportivo nasceu, com a fundação da *Rádio Mulher*, formada por Claudette Troiano, Zuleica Ranieri, Leilah Silveira, Jurema Yara e Germana Garilli, que se revezavam para narrar, comentar e fazer reportagens de campo nos finais de semana, quando o rádio era apenas esporte. “A Rádio Mulher ficou no ar por oito anos e após esse projeto, nenhuma ideia semelhante chegou a sequer a ser cogitada no rádio brasileiro” (RAMOS, 2016, p.10).

Outro nome que também se destaca quando se fala de mulher, rádio e esporte, é a jornalista Regiani Ritter, que em 1980 encontrou lugar no radiojornalismo esportivo da *Rádio Gazeta*, fazendo comentários e reportagens, se tornando a primeira mulher âncora de uma Copa do Mundo.

Depois desses dois momentos de pioneirismo vividos pelas mulheres no radiojornalismo esportivo, veio o quadro “Grama na Calcinha” da *Rádio Globo*, em 2010. O programa era apresentado pelo locutor Edson Moura, na internet, durante a “Voz do Brasil” e contava com a participação das estagiárias dando opiniões sobre times de futebol.

Em 2014, a mesma rádio teve a iniciativa de lançar o concurso “Garota da Voz”, uma competição para escolher a primeira narradora de futebol de uma Copa do Mundo. A ganhadora foi Renata Silveira, que escolheu a partida entre Uruguai e Costa Rica e pode transmitir ao vivo pela internet.

A *Rádio Globo* é hoje uma das emissoras que mais notamos dar espaço para as mulheres mostrarem tudo que sabem sobre o jornalismo esportivo. Em 2017, estreou o programa *Convocadas* na sua nova grade de programação, feito pelas jornalistas Camilla Carelli, Fernanda Gentil, Vanessa Riche, Ana Thaís Matos e Mayra Siqueira. Duas delas migraram da televisão, já as outras três, conseguiram construir sua carreira no rádio.

No programa, que é transmitido toda terça-feira à noite durante uma hora, as cinco jornalistas, três do Rio de Janeiro e duas de São Paulo, falam de diversos temas que tem como base o esporte. Ali, elas podem expor suas opiniões, contar experiências, além de fazerem entrevistas com vários profissionais que atuam dentro e fora do mundo esportivo.

O *Convocadas* é uma das grandes saídas da zona de conforto que encontramos no radiojornalismo hoje, pois não é tradicional programa esportivo feito por homens, começando pelo fato de ser formado por mulheres. Na transmissão, elas conseguem

passar uma visão diferente de um acontecimento, de um lance e também alcançam um público mais esquecido e que luta por espaço, as mulheres.

Mesmo um programa feito só por mulheres pode trazer uma problemática sobre a inserção dela nesse meio. O Convocadas pode abrir portas para as mulheres se inserirem no radiojornalismo esportivo, mas também afastar as elas de outros programas de esporte da rádio com mais audiência, normalmente feito por homens, utilizando como justificativa de que elas tem o seu próprio horário. É isso que afirma a jornalista Ana Thaís Matos em entrevista para o *webdocumentário* “Do drible à vitória: no rádio ela faz história”.

Aos poucos a mulher vem conquistando seu espaço no esporte e na sociedade, mesmo que, “durante muito tempo, defendeu-se a ideia de que a mulher não entendia de futebol e não era capaz de trabalhar com esporte.” (ARAGÃO, 2010, p.46).

Segundo Simões (2003), mesmo diante de inúmeras dificuldades impostas pela comunidade, principalmente esportiva, que ainda é machista, as mulheres estão conseguindo vencer os obstáculos ligados aos seus objetivos e obrigações para com a família, a sociedade e o esporte.

PROCESSO DE PRODUÇÃO

Os passos iniciais para a produção do webdocumentário em áudio “Do drible a vitória: no rádio ela faz história” foram dados após a primeira orientação. Com os objetivos claros, começou a busca de personagens que pudessem fazer parte do projeto experimental. Com um pré-cronograma estabelecido, foi feito o contato com as jornalistas por telefone, Facebook, Twitter e amigos em comum.

No primeiro momento, foram feitas pré-entrevistas com as mulheres que aceitaram participar do webdocumentário, depois com as respostas de perguntas-chaves, foi marcada a entrevista oficial, por telefone ou pessoalmente, e separado em que capítulo cada um se encaixaria.

No mesmo período em que as entrevistas começaram a ser feitas, a manifestação #DeixaElaTrabalhar estourou na Internet, ajudando com que eu encontrasse mais jornalistas dispostas a falar sobre sua trajetória no meio esportivo.

Em seguida, foram feitas entrevistas pessoalmente. Para realizar o projeto, ter novas experiências e conhecer jornalistas de referência, viajei para quatro cidades: São Paulo e Porto Alegre, onde entrevistei quatro mulheres, e Florianópolis e Curitiba, onde

conversei com mais uma casa. A terceira entrevista do Rio Grande do Sul e a de Belo Horizonte foram realizadas por telefone. As entrevistas de Manaus, Tubarão e uma terceira convidada de São Paulo, aconteceram via *WhatsApp*.

(...)Se forem bem realizadas, elas permitiram ao pesquisador faz uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil de obter com outros instrumentos de coleta de dados. (DUARTE, 2004, p.3)

Com todas as entrevistas prontas, foi montado um roteiro de edição. O primeiro capítulo foi o primeiro a ser editado, seguido do quarto, do terceiro e por último o segundo episódio, que tinha mais personagens e deu um pouco mais de trabalho. A trilha sonora escolhida deu vida ao projeto, pois a música “Elas por elas” do grupo Obirin traz na letra os direitos que as mulheres querem.

Depois, o site foi montado para combinar com o assunto, assim como as fotos escolhidas, que buscavam trazer as jornalistas, na sua maioria, exercendo as funções no rádio. Por último veio a escolha do nome, que trouxe o “elas” se referindo as mulheres e o rádio, meio que foi trabalho. Na primeira parte, “Do dribble à vitória” deu a ideia de que o produto fala sobre esporte e, principalmente, sobre futebol.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O *webdocumentário* em áudio “Do dribble à vitória: no rádio ela faz história” é dividido em quatro capítulos com duração total de 35 minutos e está hospedado no *wix.com*, plataforma avaliada como a mais adequada para receber áudios, fotos e texto.

Assim, ao abrir o site, é possível visualizar a página inicial, que tem como elemento central a logo do *webdocumentário*, onde se destacam o nome do projeto e a arte que representa todas as personagens: uma mulher com microfone na mão e fone de ouvido, fazendo referência ao rádio. Na parte de cima, está o menu principal, que leva a pessoa que está navegando pelo site para outras abas: personagens, o projeto e expediente.

Ao rolar a página inicial, chegamos até a introdução do *webdocumentário*, que também faz referência ao rádio, futebol e ao número de mulheres entrevistas para produzir o material que está disponível abaixo. Após a introdução, descemos até o

primeiro capítulo do produto. Cada capítulo tem um nome, um texto que cita as personagens e o áudio e, ao lado, as fotos das jornalistas que fazem parte do episódio ficam passando enquanto escutam a história.

Capítulo 1: Jornalistas mais velhas, que se inseriram no esporte da década de 80.

Nome: *O início da partida delas.*

Personagens: Regiane Ritter (Rádio Gazeta/SP) e Rita Daudt (Rádio Gaúcha/RS)

O primeiro capítulo foi produzido com duas entrevistas, a primeira presencial, feita em São Paulo, na Rádio Gazeta e a segunda por telefone. A duração é de 8 minutos e 9 segundos.

Capítulo 2: Jornalistas que atuam no radiojornalismo esportivo há algum tempo e já viveram situações de preconceito.

Nome: *Elas driblam o preconceito*

Personagens: Renata de Medeiros (Rádio Gaúcha/RS), Helen Anacleto (Rádio BandNews/PR), Simone Malagoli (Rádio Massa/SC) e Larissa Balieiro (Rádio Difusora/AM).

O segundo capítulo foi produzido com quatro entrevistas, três presenciais, de Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis e uma por *WhatsApp*, de Manaus. A duração é de 10 minutos e 36 segundos.

Capítulo 3: Jornalistas que estão se inserindo agora no radiojornalismo esportivo.

Nome: *Em busca da vitória*

Personagens: Isabelly Moraes (Rádio Inconfidência/MG), Laura Gross (Rádio Guaíba/RS) e Patrícia Amorim (Rádio Bandeirantes/SC).

O terceiro capítulo foi produzido com três entrevistas, uma presencial, feita em Porto Alegre, uma por telefone, de Belo Horizonte e a terceira por *whatsapp*, de Tubarão. A duração é de 7 minutos e 19 segundos.

Capítulo 4: Jornalistas idealizadoras do programa Convocadas da Rádio Globo.

Nome: *Convocadas para fazer história.*

Personagens: Mayra Siqueira (ex-Rádio CBN/Globo/SP) e Ana Thaís Matos (Rádio Globo/SP)

O quarto capítulo foi produzido com duas entrevistas, uma presencial, feita em São Paulo e a outra pelo *WhatsApp*. A duração é de 9 minutos e 14 segundos.

No final da página inicial, após passar por todos os capítulos, tem uma galeria de fotos, com imagens produzidas nas entrevistas e de arquivo pessoal que mostram cada uma em seu ambiente de trabalho, na redação e no estádio.

Voltando para o menu, além da home, tem mais três opções. A segunda, da direita para a esquerda, abre a página de “personagens”, onde se encontra a foto de cada uma das jornalistas, com o nome, a rádio em que trabalha e a função de exerce. Na próxima opção, nomeada “o projeto”, tem uma explicação resumida de que o projeto foi feito para uma disciplina como requisito para a obtenção do título de Jornalista. A última aba que abre é o “expediente”, onde tem o nome das pessoas que ajudaram com edição, arte, site etc.

Em toda a plataforma que hospeda o *webdocumentário* foi utilizando tons de roxo, cor escolhida por ser a cor de 2018, segundo a Pantone, e também por ser uma das minhas preferidas, saindo do tradicional rosa para mulher. Além disso, o roxo também é a cor do feminismo, que está presente em toda construção do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em pleno século XXI, o jornalismo esportivo ainda é um espaço machista, preconceituoso e desigual. Poucas são aquelas que conseguem entrar nesse meio e continuar nele, sem enfrentar diariamente a necessidade de provar que gosta de esporte e sabe falar sobre futebol. Não é preciso ir muito longe para encontrar atitudes que desvalorizam a mulher nesse meio, pois, em situações mais graves, a própria mídia tradicional faz questão de abordar o tema, mesmo que de modo superficial.

Aprofundar-se na história das jornalistas que estão nesse meio e que ainda querem entrar nele, faz com que a sociedade comece a refletir nas atitudes que ela tem em relação a mulher. Foi pensando nisso e, em como essas jornalistas precisam ter voz,

que nasceu o *webdocumentário* em áudio “Do dribble à vitória: no rádio ela faz história”. No esporte e, principalmente, no radiojornalismo esportivo, o espaço delas é mínimo comparado ao do homem e, mesmo a mulher estando presente nesse meio falando sobre o futebol desde a década de 80, ela ainda tem que enfrentar muitas barreiras para continuar.

E é por ter essa concepção que esse produto foi criado, para dar espaço para a mulher que atua no radiojornalismo contar a sua história, os momentos que marcaram e compartilhar, com quem escuta, como esse espaço do jornalismo ainda é desigual e sem respeito nenhum ao gênero oposto que o domina. Trazendo mais visibilidade para elas e sendo uma contribuição na luta por respeito.

Além disso, a idealização do trabalho, a produção e a finalização, foi de grande aprendizado para mim, acadêmica do último ano de Jornalismo. Com ele, consegui colocar em prática aprendizados que adquiri nos últimos três anos e conhecer a verdadeira realidade do mercado de trabalho em que gostaria de me inserir no futuro. Conhecer e conversar com cada uma delas trouxe uma vontade de continuar lutando por espaço e respeito no esporte e produzir jornalismo de qualidade. Pretendo dar continuidade e pesquisar sobre a inserção da mulher no rádio na minha monografia, tendo como objeto o programa Convocadas.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Curitiba, PR: 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>> Acesso em: 10/07/2018

PROVENZANO, Bruna. **A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo do Rio Grande do Sul**. Novo Hamburgo, RS: 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/8baaUx>>. Acesso em: 19/06/2018.

RAMOS, Juliana Caldeira de Araújo Lima. **Tem batom no microfone: A presença feminina no radiojornalismo esportivo brasileiro**. Rio de Janeiro, RJ: 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/u5WrAc>>. Acesso em: 16/06/2018.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; MATTOS, Ediane Teles. **As mulheres no radiojornalismo esportivo: contextualização para pesquisa histórica sobre sua**

presença profissional em Santa Catarina. Florianópolis, SC: 2017. Disponível em:
<[file:///C:/Users/usuario/Downloads/GT_HistoriaDaMidiaSonora_Valci_ZUCULOTO_Ediane_MATTOS%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/GT_HistoriaDaMidiaSonora_Valci_ZUCULOTO_Ediane_MATTOS%20(2).pdf)> Acesso em: 19/06/2018.

ARAGÃO, Camila Carelli. **A mulher no jornalismo esportivo: os desafios das repórteres das emissoras de rádio carioca.** Rio de Janeiro, RJ: 2010. Disponível em:<<https://goo.gl/4uDg7u>>. Acesso em: 19/06/2018.

SIMÕES, Antonio Carlos. **Mulher e Esporte: Mitos e Verdades.** São Paulo, SP: 2003.

RIGHI, Anelise Farençena. **As donas da bola.** Santa Maria, RS: 2006.